ÍNDICE

Agradecimentos 11
Prefácio 13

PARTE UM
1. Daca e Mandalai 19
2. Os rios de Bengala 37
3. A escola sem paredes 53
4. A companhia dos avós 75
5. Um mundo de argumentos 97
6. A presença do passado 111

PARTE DOIS
7. A última fome 131
8. Bengala e a ideia do Bangladeche 141
9. Resistência e divisão 157
10. A Grã-Bretanha e a Índia 175

PARTE TRÊS
11. A urbanidade de Calcutá 193
12. College Street 211
13. Que pensar de Marx 229
14. Uma primeira batalha 245
15. Rumo a Inglaterra 263

PARTE QUATRO

16. Os portões de Trinity 279
17. Amigos e círculos 289
18. Que economia? 307
19. Onde está a Europa? 321
20. Conversa e política 335
21. Entre Cambridge e Calcutá 355
22. Dobb, Sraffa e Robertson 373
23. Encontros americanos 389
24. Cambridge reexaminada 401

PARTE CINCO

25. Persuasão e cooperação 419
26. Perto e longe 429

Notas 443

AGRADECIMENTOS

«A memória carinhosa traz a luz / de outros dias em meu redor», escreveu Thomas Moore, na tristeza daquilo que descreve como uma «noite serena». Recorda os amigos que «caíram», os «sorrisos, as lágrimas / dos anos de mocidade», e fala da sensação de ter sido «abandonado» por todos. Uma evocação de memórias pode, por certo, ser um exercício triste, mesmo para um jovem de vinte e seis anos, a idade de Moore quando escreveu o poema. No entanto, também pode ser aprazível recordar o passado — mesmo que muito distante —, reviver acontecimentos felizes, reflexões entusiasmantes e dilemas desafiantes.

Contudo, recordar não é o mesmo que escrever uma memória. Esta escrita deve dirigir-se sobretudo a outros. A autoindulgência daquilo a que em sânscrito se chama *smriticharan* («o apascento da nossa memória») pode não interessar a outros, ainda que possam ter curiosidade no que realmente aconteceu e em como as experiências e os pensamentos de outra pessoa podem ser entendidos — e partilhados. Ao ajudar-me a passar da minha memória para uma memória escrita e a garantir que aquilo que tentei dizer não pecava por falta de clareza ou de coerência, Stuart Proffitt foi extremamente prestável. Por aquilo que fez pelo livro, tenho para com ele uma dívida imensa.

Numa fase crítica do planeamento deste livro, também recebi conselhos excelentes de Lynn Nesbit e de Robert Weil. Agradeço a ambos. Em conversas sobre o livro enquanto o estava a escrever, beneficiei de questões levantadas pelos meus filhos, Antara, Nandana, Indrani e Kabir, e pelos meus primos

Ratnamala e Miradi. Também recebi boas sugestões de Rehman Sobhan, Rounaq Jahan, Paul Simm, Victoria Gray e Sugata Bose. Uma longa conversa pública que tive há algum tempo com Tim Besley e Angus Deacon, em parte sobre o meu trabalho, para um relatório para a *Annual Review of Economics*, foi-me muito útil para escrever certas partes deste livro, e estou-lhes agradecido.

Kumar Rana e Ditya Balasubramanian leram grandes partes do manuscrito do livro em fases diferentes da escrita, e os seus comentários cuidadosos foram-me imensamente úteis. O livro foi redigido durante quase uma década, e grande parte da escrita foi feita — sobretudo nos verões — no hotel Le Dune em Sabaudia, na Itália, e no Trinity College, em Cambridge. Pela ajuda na coordenação dos meus esforços, estou muito grato a Inga Huld Markan, a Chie Ri e a Arabinda Nandy.

Agradeço fortemente a várias pessoas da Penguin Books cuja ajuda foi importantíssima para a produção deste livro, incluindo Jane Robertson, Richard Duguid, Alice Skinner, Sandra Fuller, Matt Hutchinson, Ania Gordon e Coralie Bickford-Smith.

Por último, a minha esposa Emma Rothschild, a quem o livro é dedicado, leu todo o manuscrito e fez inúmeras sugestões valiosas, comentando quase todas as páginas. Não é fácil exprimir adequadamente a minha gratidão por tudo isto.

PREFÁCIO

Uma das memórias mais distantes da minha infância é a de ser acordado pela ruidosa buzina de um navio. Tinha quase três anos. Ao ouvir o som, sentei-me um pouco assustado, mas os meus pais asseguraram-me de que tudo estava bem e que navegávamos de Calcutá para Rangum pela baía de Bengala. O meu pai, que lecionava Química na Universidade de Daca, no que é agora o Bangladeche, ia começar a lecionar durante três anos em Mandalai como professor convidado. Quando a buzina me despertou, o nosso navio concluíra uma viagem de 160 quilómetros de Calcutá até ao mar pelo Ganges (nesse tempo, Calcutá ainda servia de porto para grandes navios). O meu pai explicou-me que agora iríamos estar em alto-mar durante dois dias até chegarmos a Rangum. É claro que eu não sabia o que era viajar no mar nem nada sobre como as pessoas viajavam de um lugar para o outro. No entanto, tive uma sensação de aventura, o sentimento empolgante de que me estava a acontecer uma coisa importante. As águas azuis e profundas da baía de Bengala pareciam ter saído da lâmpada de Aladino.

Quase todas as minhas primeiras recordações são da Birmânia, onde vivemos pouco mais de três anos. Algumas das coisas de que me lembro eram muito reais, como o belo palácio de Mandalai, com um fosso encantador em seu redor, as vistas surpreendentes a partir das margens do rio Irrauádi e a presença dos esbeltos pagodes por toda a parte. Contudo, as minhas memórias da elegância de Mandalai talvez não correspondam às descrições que outros fazem de uma cidade muito poeirenta, e suponho que a beleza deslumbrante

da nossa típica casa birmanesa era exagerada pelo amor que tinha por ela. A verdade é que eu não podia ter sido mais feliz.

Viajei desde muito cedo. Após a infância na Birmânia, regressei a Daca, mas logo voltámos a mudar-nos para viver e estudar em Santiniketan, onde Rabindranath Tagore, o poeta visionário, fundara a sua escola experimental. Tagore teve grande influência em mim e na minha família. O título desta memória é inspirado no seu livro *A Casa e o Mundo*, e reflete a sua influência.

Depois de dez anos fantásticos na escola de Tagore em Santiniketan, fui para Calcutá começar a minha educação superior. Tive lá professores excecionais e colegas muito bons, e o trabalho na faculdade era bem suplementado por um café mesmo ao lado no qual se produziam frequentes discussões e debates profundamente interessantes. Daí rumei a Cambridge, na Inglaterra, noutra viagem fascinante de barco, desta vez de Bombaim para Londres. Tanto Cambridge como a minha faculdade, Trinity, envolveram-me na sua história esplêndida e antiga.

Depois passei um ano a lecionar no MIT em Cambridge, no Massachusetts, e em Stanford, na Califórnia. Fiz algumas tentativas de criar raízes em vários lugares antes de regressar à Índia (passando por Laore e Carachi, no Paquistão) para lecionar na Universidade de Deli, dando aulas de economia, filosofia, teoria dos jogos, lógica matemática e – um tema relativamente novo – teoria da escolha social. A recordação das primeiras três décadas da minha vida termina com dias felizes enquanto jovem professor dedicado, com a expectativa de uma nova – e mais madura – etapa da minha vida.

Enquanto estive em Deli, tive tempo para refletir um pouco nos meus primeiros anos, que foram repletos de um largo leque de experiências. Concluí que havia duas maneiras muito diferentes de pensar sobre as civilizações do mundo. Uma abordagem adota a perspectiva «fragmentária» e vê a variedade de características como manifestações de civilizações muito diferentes. Esta abordagem, com a característica adicional da hostilidade entre os fragmentos, tem estado recentemente muito em voga, ameaçando um «choque de civilizações» duradouro.

A outra abordagem é «inclusiva» e concentra-se em ver as diferentes manifestações de uma civilização que, em última análise, é una – talvez lhe devamos chamar civilização mundial –, que gera flores diferentes ao longo de uma vida interligada de raízes e ramos. Obviamente, este livro não é uma investigação

sobre a natureza da civilização, mas, como o leitor verá, as suas simpatias vão para uma compreensão inclusiva e não fragmentária daquilo que o mundo oferece.

Das Cruzadas na Idade Média às invasões nazis no século passado, das lutas comunais às batalhas entre políticas religiosas, tem havido confrontos entre convicções diferentes, mas também tem havido forças de unidade contra os conflitos. Se olharmos, podemos ver como o entendimento se transmite de um grupo para outro e de um país para os restantes. Olhando em redor, não podemos ignorar os sinais de histórias mais amplas e mais integradoras. A nossa capacidade de aprendermos uns com os outros não pode ser subestimada.

Estar na companhia de pessoas com capacidade reflexiva pode ser uma experiência profundamente construtiva. Em finais do século X e inícios do século XI, o matemático iraniano Al-Biruni, que viveu muitos anos na Índia, observou no seu livro *Tarikh al-Hind* que a aprendizagem mútua contribui para o conhecimento e para a paz. Apresenta uma descrição maravilhosa da matemática, astronomia, sociologia, filosofia e medicina da Índia de há mil anos, e também mostra que o conhecimento humano se expande através da amizade. A afeição de Al-Biruni pelos Indianos contribuiu para o seu interesse e especialização na matemática e na ciência indianas. Esta afeição, porém, não o impedia de gracejar um pouco com eles. A matemática indiana é muito boa, diz Al-Biruni, mas o dom mais invulgar dos intelectuais indianos é uma coisa muito diferente: é a sua capacidade de falarem com eloquência de temas sobre os quais não sabem absolutamente nada.

Estaria eu orgulhoso desse dom se o tivesse? Não sei, mas talvez devesse começar a falar das coisas que conheço. Esta memória é uma pequena tentativa de fazer isso mesmo, ou pelo menos de falar das coisas que experienciei, conhecendo-as ou não.